

HOMENAJE

O mito de Eurídice Figueiredo

The myth of Eurídice Figueiredo

El mito de Eurídice Figueiredo

Mariana Filgueiras

Universidade Federal Fluminense

Brasil

ORCID: 0000-0001-8008-0722

marianafilgueiras@gmail.com

As lições que eu levo sem olhar para trás

Mariana Filgueiras

É inevitável. Quando se conhece alguém com o nome Eurídice, o mito grego de Orfeu e Eurídice sempre ronda as conversas. Vem à tona o músico apaixonado que toca sua lira para a amada Eurídice, encantando todos ao redor. Plantas, animais, pedras, pessoas, tudo fica mais vívido com a sua música amorosa. Uma parte importante nesse mito é a cena da morte de Eurídice: quando ela morre, picada por uma cobra, Orfeu, inconformado, desce ao reino dos mortos e pede ao casal Perséfone e Hades que devolva Eurídice ao mundo dos vivos. Hades se comove e autoriza o retorno, sob uma condição: que Orfeu não olhe para Eurídice até completarem a travessia para a vida. Inseguro, Orfeu vira-se para trás no meio do caminho, para ter certeza de que a amada o segue. E a perde para sempre.

Olhar para trás é um gesto humano demais para os deuses.

A querida Eurídice Figueiredo, referência no estudo de literatura brasileira e francófona, especialmente no estudo da literatura escrita por mulheres, morreu no último 23 de maio de 2026, picada pela cobra da fatalidade. Era um sábado nublado, e pouco antes de morrer, no hospital, com um pouco de falta de ar, ela perguntou ao filho: “Você não vai ver o jogo do Flamengo hoje?”. Eurídice olhava pra frente. Como eu tenho certeza de que ela está atrás de todos nós que a amamos, não vou olhar pra trás – estou confiante de que ela está conosco. E é por es-

tar presente que eu carrego algumas das suas lições, que vou lembrando enquanto tento voltar ao mundo dos vivos.

A Eurídice não adulava ninguém. Era um pouco seca, até. Respondia “sim” e “não” quando a resposta era, de fato, sim ou não. Há algo romântico em ser prolixo, e eu estou do lado dos emocionados, a tudo prefiro o gesto teatral; mas a concisão da Eurídice sempre foi, para mim, um pouco como a precisão dos versos da Adília Lopes. Às vezes você só precisa dizer que

*se duas pessoas se encontram
nunca mais morrem
uma para a outra
e por isso não morrem hoje
nem amanhã nem depois*

Não precisa de muito mais do que isso. A Eurídice me ensinou que eu posso ser concisa, que eu posso economizar energia emocional. Levo isso para mim. É muito.

A Eurídice reunia os orientandos dela em grupos e os estimulava a ler uns aos outros. Parece simples, mas muito pouca gente faz isso. Orientar pessoas é criar uma comunidade, não é cumprir uma pontuação universitária. Eu espero ser uma professora que não perca de vista o sentido da fortaleza que é uma comunidade que lê junto, que conversa, que opina; que um seja a rede do outro, irmanados numa mesma instigação de pesquisa. E mesmo quando os orientandos finalizavam seus trabalhos, ela os realocava em novos grupos, os de ex-orientandos. Sempre recebíamos dicas de livros, artigos, leituras, mesmo anos depois do trabalho findo. A sua comunidade nunca parou de crescer. Hoje eu tenho noção de que somos muitos.

A Eurídice gostava de comer coisas gostosas. Doces de compotas. Camarões gordos. Frutas frescas. Castanhas estaladiças. Eu acho que isso é prova de quem gosta de viver, de quem gosta de ver e sentir o mundo, de quem lê com atenção. Quem lê muito, de verdade (não quem diz que lê, esses a gente pega em gestos tacanhos), como Eurídice lia, tem uma outra relação com os cinco sentidos. Conhece mais cheiros, sente mais asperezas, ouve até o que não se diz, esquentava castanhas para que elas fiquem mais crocantes. Uma vez tivemos essa conversa: como pode um escritor escrever bem e não gostar de figo em calda?

“Escreva-te: é preciso que seu corpo se faça ouvir”, ordenou Hélène Cixous n’*O riso da Medusa*. Eu diria que esse livro, e esse pensamento, especificamente, organizam o mergulho na trajetória intelectual de Eurídice. Em primeiro lugar, por

ser Hélène sua contemporânea nas lutas das mulheres que nos abriram caminhos nos anos 70. Depois, pela ideia de que os corpos das mulheres precisam ser escritos por elas para que se façam existir no mundo. Quantas vezes ouvimos Eurídice nos provocar: de que maneira os corpos de mulheres estão escritos na ficção? Em quais condições as mulheres se escrevem? Quando escrevem, o que acontece? Como se expressa a sua subjetividade? Qual História é contada quando escrita por mulheres? De que maneira a literatura atua como aliada para a construção de um mundo menos desigual e violento? Uma mulher não pode se ocupar só dos figos em caldas, afinal, e essa revolução começa na escrita de si.

Se o pensamento crítico de Eurídice começa pelo riso da Medusa, a meu ver, ele se estrutura quando ela sintetiza o conceito de “crítica feminista”. Não à toa um de seus livros mais importantes se chama *Por uma crítica feminista* (Zouk: 2020). A crítica feminista é um conceito que nos ensina a identificar e a analisar como uma mulher deixa de ser objeto na literatura e passa a ser sujeito. Como as particularidades do seu corpo estão subjetivadas ou estão invisibilizadas, portanto: seu ciclo menstrual, seu aborto, seu parto, seu puerpério, sua amamentação, sua maternidade, sua não-maternidade, sua sexualidade, sua velhice, as violências de gênero que sofre, sua domesticidade, sua afetividade, mas também sua afirmação como mulher para além desse corpo. É um conceito que nos mostra que os traumas das mulheres também são coletivos e históricos, por isso afetam toda a sociedade. Um abuso a mais e ninguém estará mais no mesmo lugar. Eurídice nos provoca a pensar sempre: Quem é aliado nessa crítica?

Da mesma forma como olhava para as mulheres, Eurídice olhava para as colônias. No caso, as francesas, já que sua formação acadêmica era na Literatura Francesa. São nessa área seus trabalhos mais antigos, e os que abriram muitas portas para que novas gerações pudessem ler a literatura da Martinica, do Haiti, de Guadalupe, de escritores editados por grandes casas editoriais e de escritores independentes. Com ela aprendi a ler Maryse Condé, Aimé Césaire, e, sobretudo, a inesquecível antilhana Françoise Egas, que me comoveu profundamente durante a escrita da minha tese. Ler as mulheres negras afrocaribenhas porque somos, todos, filhas de mulheres negras latino-americanas e afrocaribenhas. No dia 14 de novembro de 1962, Françoise Egas escreveu em seu diário, publicado no livro *Cartas a uma negra*: “Escutar! Que coisa maravilhosa!”.

A literatura nos ensina a morrer todos os dias. Não há romance sem morte, porque não há vida sem morte. A Eurídice também me ensina a morrer melhor

porque me mostrou um modo de envelhecer. Ela era uma pessoa absolutamente comprometida com um mundo mais justo, sem que para isso precisasse se ajustar —não estava preocupada com a cobrança mundana de que sejamos ou tentemos nos manter jovens—. Essa cobra nunca a picou. Foi com ela que li mais romancistas velhas, que escrevem sobre mulheres velhas, e cuja velhice está em um outro lugar, não naquele onde jogamos fora a juventude. Certa vez, um aluno quis lhe oferecer uma tela pintada com seu retrato. Essa história quem me contou foi outra ex-orientanda sua, Laura Barbosa Campos, da UERJ. Eurídice aceitou o presente, mas com a condição de que o pintor não sumisse com suas rugas: “Não vá me deixar jovem. não, faça as minhas rugas, hein? Todas as minhas rugas!”. Ele obedeceu e foi em frente.

Seguimos, todos, olhando pra frente. Eurídice deixou uma bibliografia larga, consistente, e, o melhor: lida. Deixou ainda alguns artigos inéditos prontos e um livro, que será publicado em breve. Seu orientando Christopher Rive St. Vil, poeta natural do Haiti que hoje leciona Francês na Faculdade de Letras da Universidade do Estado do Amapá, abriu um projeto de pesquisa no CNPq – para orientandos, ex-orientandos e quem mais se interessar – sobre a obra crítica de Eurídice Figueiredo. Começaremos as leituras em setembro.

Referencias Bibliográficas

Cixous, Hélène (2022). *O riso da medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Egas, Françoise (2021). *Cartas a uma negra*. São Paulo: Todavia.

Figueiredo, Eurídice (2020). *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Editora Zouk.

Lopes, Adília (1988). *O decote da dama de espadas*. Col. Plural, Poesia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.